

**Uma reza muito forte.**  
**Por Juliana Fernandes Gontijo.**

O vô Benevides contava uma história que, se os netos não houvessem encontrado o registro no livro da venda de mantimentos, ninguém jamais acreditaria no caso da noite da sexta-feira da Paixão, ocorrido em 1912.

Aquele era um tempo em que as famílias católicas tinham o respeito aos dias santos, principalmente em relação à crucificação de Jesus. Muitas pessoas tiravam a data apenas para orações, indo à igreja ou faziam uma espécie de retiro em casa. No dia anterior, as mulheres da casa já deixavam a comida pronta para, no dia seguinte, apenas esquentarem as panelas. Outras pessoas não utilizavam facas ou objetos cortantes devido ao respeito pelo sofrimento de Cristo.

Na casa do vô Benevides, não era muito diferente. A mãe dele, dona Claudimira e o pai, Damião, proibiam até os filhos de saírem de casa. Como este dia santo é um feriado móvel, naquele ano, a sexta-feira foi no dia do aniversário de 18 anos do primo Astolfo.

Benevides e seus irmãos, Claudionor, do meio, e Idelfonso, o caçula, engaram os pais. Disseram que iriam a um retiro na igreja do vilarejo vizinho, mas, na verdade, foram a um botequim para uma festinha particular de comemoração e despedida do primo, porque ele iria servir no tiro de guerra, nome dado ao o serviço militar.

Já passava das 8 da noite e os filhos não haviam retornado. A mãe estava preocupada, mas não era possível ir atrás deles. Sim, era preciso esperá-los chegar e dar a “merecida” repreensão aos jovens.

Os irmãos não eram muito de usar o relógio de bolso, pois aprenderam a identificar mais ou menos o horário, olhando a movimentação da lua. Entretanto, aquele dia estava nublado. Possivelmente uma chuva iria “desabar” a qualquer momento.

Receoso de “pegar” uma gripe “brava”, Idelfonso decidiu voltar para a casa. Como os três eram muito unidos em tudo o que faziam, preferiram sair do boteco e pegar a trilha. A viagem seria longa, ao menos uma hora e meia a pé. O mato era fechado e, dessa forma, quando saíam, levavam machadinha e facões para irem “roçando” o caminho ou, caso precisassem, utilizavam os utensílios como armas de defesa.

Eles se despediram de Astolfo, dos outros parentes e amigos. Em seguida, partiram pelo “mato adentro”. Provavelmente, já deveria ser umas 10 da noite e começou a respingar. Idelfonso apertou o passo e Claudionor disse:

— Para, irmão. Não vai demorar muito chegá em casa, a fazenda num fica muito longe.

Aos poucos, os pingos foram se transformando numa chuva mais grossa. Preocupado, Benevides, tirou seu capote e deu ao irmão para proteger a cabeça e as costas

De repente, o trio começou a ouvir um barulho muito alto que, certamente, estava um pouco atrás dos jovens. Eles pararam de andar e “sacaram” os facões de suas cinturas. O vento varria o mato e derrubava pequenas árvores. Claudionor tratou logo de subir em uma árvore grande a fim de ver algo diferente no meio do mato.

— Nada! — gritou o irmão do meio ao perceber que o barulho havia cessado.

— Então, desce daí e vamo embora — falou o vô Benevides.

Os três continuaram a andar um pouco mais rápido e Idelfonso teve a impressão de ter pisado em algo um pouco mole. Deu um pulo para trás, mas escorregou e caiu.

— Isso foi cobra, Benevides! Passa a faca de novo.

O irmão, desta vez, pegou a machadinha, mas havia somente o barro devido à chuva.

Andaram mais alguns metros e a chuva só aumentando. Numa clareira, vô Benevides parou ao sentir um vento frio nas costas. Olhou para trás. Era um redemoinho gigante que se formava do lado sul da mata, como se ele “descesse” do céu. Os três se abraçaram, para correrem juntos, porém não deu certo. As pernas se enrolaram umas nas outras e eles tombaram ao mesmo tempo. O redemoinho se aproximava cada vez mais.

Rapidamente, os rapazes levantaram-se do chão e começaram a correr.

— É o Saci que deve estar procurando a garrafa — disse Idelfonso.

— Não fala besteira, menino — ralhou Benevides.

— Vô Josafá dizia que tem Saci na mata!

— Cala a boca, moleque! E anda lo...

Nem bem terminou de falar, Claudionor tomou um solavanco que caiu num buraco à sua frente. O tombo rasgou-lhe a calça. Os irmãos tentaram ajudá-lo e não se deram bem. O buraco tinha espinhos. Os três tiveram as pernas todas arranhadas. Como as calças estavam todas rasgadas, o jeito foi tirá-las e seguir apenas de calção e camisa.

O redemoinho continuava atrás deles e o vento estava bem mais forte. Benevides perdeu o facão na confusão do buraco. O capote que protegia a cabeça de Idelfonso também se perdeu. As botinas ficaram pesadas, pois estavam cheias de barro. O jeito era deixá-las para trás. Eles não se incomodaram, porque no dia seguinte, era só retornar pelo mesmo caminho e pegá-las de volta.

Quando já estavam praticamente nas dependências da fazenda, encontraram a porteira aberta. Era um alívio para os irmãos. No entanto, o vento, de tão forte, bateu na cancela que a travou completamente. Mais um obstáculo: era preciso pular a porteira. Claudionor foi o primeiro a fazê-lo, mas a camisa dele agarrou em uma farpa de madeira e rasgou, ficando um trapo da roupa na ripa perto da cancela. Os dois pularam atrás. Eles correram por mais tempo até chegarem à porta do alpendre. Foi a conta de Damião perceber que eram os filhos e abriu imediatamente a porta. Eles entraram e o redemoinho tentou “entrar” também. A porta foi travada. Os jovens estavam exaustos. Claudimira olhou severamente para os filhos, porém nada disse.

A porta balançava; parecia que iria cair ao chão. Damião pediu silêncio a todos. Ele chegou perto, mesmo correndo o risco dela destravar. Espalmou as duas mãos como se a empurrasse e assim “mandasse o redemoinho embora”. Ele começou a falar alto, mas nenhuma palavra era entendida pelos filhos de Damião.

— Minha mãe, o que o pai tá falando?

— Psiu! Quietos! Deixa seu pai rezá.

— Eu não tô entendendo...

— Não interessa. Calado!

Todos permaneceram em silêncio enquanto Damião rezava fervorosamente aumentando o tom de voz. A lamparina apagou, deixando-os no escuro. Aos poucos, a chuva foi diminuindo, a porta parou de balançar, o redemoinho parecia ir embora. Ao fim da reza, parecida com um dialeto africano, Damião estava suado e “desgastado”. Ele se sentou no chão.

Claudimira abraçou o marido e chamou os filhos para ficarem todos juntos:

— Quando eu falo para vocês respeitarem o Dia Santo, é porque é preciso respeito, meus fio. Jesus se sacrificô por nós! Até hoje não entenderam isso?

— O que o senhô rezô, meu pai? — disse Benevides.

— É uma reza para afastar espírito ruim, só isso. — falou Damião. — Ninguém precisa saber o que é. Vamo dormi. Amanhã, vocês voltam e pegam as roupas que ficaram para trás no meio do mato. E nunca mais saiam de casa na sexta-feira da Paixão. Que isso sirva de lição. E tomem logo um banho pra lavá esses ferimento. Amanhã, vamo conversá sobre isso.

A noite já estava calma. Até a lua apareceu no céu.

No dia seguinte, os irmãos, estranhamente sem nenhum arranhão no corpo, saíram pelo mato para trazerem de volta as botinas, calças e o capote. No entanto, não havia sinal de roupas rasgadas, as botinas sumiram, a porteira não estava travada, nem o mato roçado. Era como se o redemoinho jamais tivesse passado no local.

— Pai, nós passamo por aqui. Claudionor caiu nesse buraco. Tinha muito espinho no fundo. — disse vô Benevides assustado.

— Fio, meu finado avô, Bento, dizia que essa reza que ele me ensinou espanta os espírito ruim da floresta, mas quem reza não pode contá o segredo a ninguém ou a reza não faz efeito.

Então, ela é muito forte, né, pai? Curou até os arranhão de nós tudo!

— Se é, meu fío, se é!

---